

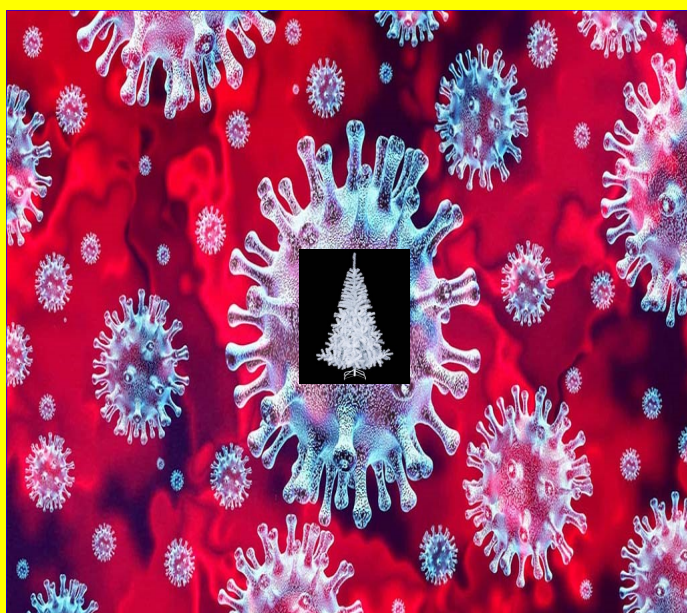
ESCOLA SE-
CUNDÁRIA
DE CAMÕES

BOLETIM ESCOLAR

Confluências

Confluências

(2ª Série)
Nº 49
Set / Dez 2020



DEPOIS DE
UM ANO
TRISTEMENTE CONFINADO



VOTOS DE UM NATAL
TRANQUILO
E DE UM

2021
DESCONFINADO & LIBERTO



Confluências

PARA MEMÓRIA FUTURA

A PANDEMIA, que praticamente desde o início do ano não tem dado tréguas em todo o mundo, volta a atacar em força, numa segunda vaga, boa parte do nosso país.

Numa tentativa de a controlar e de evitar um Confinamento mais duro, quando se aproxima a Quadra Natalícia, e dando sequência à renovação do Estado de Emergência, por parte do Presidente da República (em vigor a partir das 00h00 do dia 24 de novembro), o Conselho de Ministros de 20 de novembro de 2020 decidiu:

Medidas Gerais

- ♦ Uso obrigatório de máscara nos locais de trabalho
- ♦ Proibição de circulação entre concelhos:
 - * das 23h de 27 novembro às 5h de 2 dezembro
 - * das 23h de 4 dezembro às 5h de 9 dezembro
- ♦ Dias 30 de novembro e 7 de dezembro:
 - * Suspensão de atividades letivas
 - * Tolerância de ponto

* Apelo a entidades privadas para dispensa de trabalhadores

Outras medidas

Mapa de Risco >240 casos

- ♦ Manutenção da proibição de circulação na via pública das 23h às 5h
- ♦ Ação de fiscalização do cumprimento de teletrabalho obrigatório
- ♦ Manutenção dos horários de encerramento:
 - * Estabelecimentos comerciais às 22h
 - * Restaurantes e equipamentos culturais às 22h30

Mapa de Risco >480 casos

- ♦ Sábados, domingos e feriados de 1 e 8 de dezembro:
 - * Proibição de circulação na via pública e encerramento de estabelecimentos comerciais entre as 13h e as 5h
- ♦ Vésperas de feriado (30 de novembro e 7 de dezembro):
 - * Encerramento dos estabelecimentos comerciais a partir das 15h

Título: *Confluências*

Iniciativa: Departamento de Estudos Portugueses

Coordenação de edição: António Souto e Lurdes Fernandes

Periodicidade: Trimestral

Impressão: GDCBP

Tiragem: 250 exemplares

Depósito Legal: 323233/11

Propriedade: Escola Secundária de Camões

Praça José Fontana

1050-129 Lisboa

Telefs. 21 319 03 80

21 319 03 87/88

Fax. 21 319 03 81



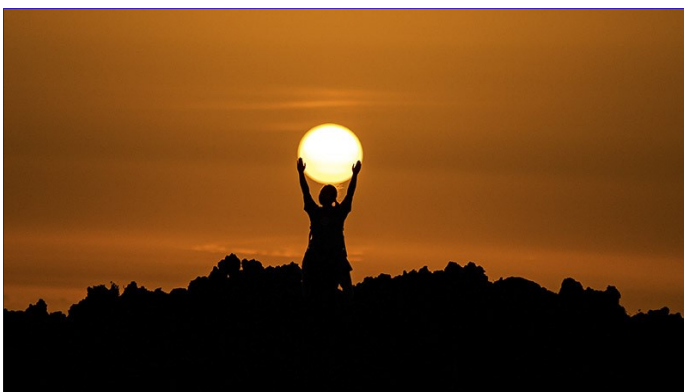
Tal como em 1918 (com a 'pneumónica'), os apelos aos cuidados higiénicos agora feitos para a pandemia do coronavírus mantêm alguns traços comuns.

Nesta edição:

Para memória futura	p. 2
Scriptomanias	pp. 3-5
Instantes (I)	p. 6
Scriptomanias	p. 6
Instantes (II)	p. 7
Com os sonhos em espera	p. 8
O pó do tempo	p. 9
Por Constância	p. 10
Esc. Sec. Camões, 111 anos	p. 11
Cidadania e Desenvolvimento ...	pp. 12-15
Clássicos	p. 16
Testemunho	p. 17
Crónica	p. 18
Em tempos de pandemia	p. 19
Breves	p. 20

Confluências

SCRIPTOMANIAS



Um diário de Covid...

Estamos em novembro. Há mais ou menos 11 meses e uma dúzia de dias começou 2020, o ano que “ia dar certo”, o “ano das mudanças”, o “meu ano”, o ano de qualquer um que baseava tudo isto no tão simples e redutor facto de 2020 ser um número bastante elegante e bonito aos olhos de cada um de nós, seres humanos que habitam o planeta Terra, e que, neste momento, sobrevive e tenta a todo o custo superar uma das maiores e mais intermináveis pandemias que a história alguma vez viu.

Até hoje nunca tinha tido na minha vida tanto medo e receio de números, e eu realmente não sou de todo uma pessoa com a cabeça virada para as matemáticas ou ciências no geral, mas o caso não tem nada a ver com isso, mas sim com os números aterrorizadores que este maldito vírus nos traz todos os “santos” dias. Sem parar, auxiliares de saúde, médicos, enfermeiros, bombeiros, ministros, professores, colaboradores e estudantes tentam continuar a manter o coração do nosso Portugal a bater, mas cada vez o caso se complica mais!... Porquê? Há quem diga que a culpa é do partido A ou B, outros defendem que o problema está nas escolas, até há quem no meio disto tudo consiga pôr a cultura ao barulho. A minha opinião? A culpa é nossa, seres humanos, sem distinção absolutamente nenhuma. Não vale mesmo a pena continuar a apontar o dedo para X ou para Y. No fundo, todos nós, ao longo dos últimos 8/9 meses cometemos erros. É normal, nenhum de nós ainda descobriu este feito incrível que seria tornar o ser humano impecável, perfeito, completamente incapaz de errar, mas há umas boas centenas de anos que descobrimos e desenvolvemos a capacidade de perceber, cons-

ciencializar e, no fundo, tornar os nossos atos empáticos. Percebemos o que é viver em comunidade, conviver uns com os outros, e ainda o que é depender de alguém ou de alguém depender de nós... Todos dependemos uns dos outros... Ninguém vive somente por si e para si, existe sempre algo mais em que acreditar, em que pensar, com que sonhar... E creio que uns mais que outros nos esquecemos disso... Esquecemo-nos que, única e exclusivamente por darmos um passeio na rua sem máscara, estamos a pôr em risco a saúde e, consequentemente, a vida daquela senhora idosa que estava tranquilamente à janela, daqueles pais que estavam somente a dar um passeio com o seu pequenino recém-nascido e que tiveram azar de a máscara não os proteger a eles, mas somente a nós... Esquecemo-nos que todos os dias existem médicos, enfermeiros e auxiliares de saúde a fazer turnos de 24 horas seguidas, que enfrentam escolhas que ninguém capaz de sentir a mínima empatia deveria ter de fazer, escolher entre vidas, olhar nos olhos de uma família e dizer-lhes que este ano o Natal tem menos um...

Esquecemo-nos também de coisas felizes e de que temos saudades, dos almoços de domingo com os avós, do São Martinho e do magusto com a família sempre recheados de muitas anedotas e uma quanta jeropiga a mais, daquele jogo de *volley* ao final do dia, do soprar as velas no aniversário com a casa cheia à nossa volta, esquecemo-nos do que é rir e ver o sorriso do outro, do que é dar um abraço, um beijo, do que é ir ver o nascer e o pôr-do-sol com os amigos, do que é viver com as pandemias do livro de história e não com a que está ao sair de casa com o frasquinho do álcool gel e a máscara da manhã e da tarde obrigatórias... Sentimos falta do nosso tão comum e aborrecido normal, daquele normal ao qual não dávamos qualquer valor... e que agora só queremos que volte o mais rápido possível para podermos voltar a ser tão basicamente felizes...

Carolina Baptista, 11º H

Importância da Leitura

Ler é sonhar pela
mão de outrem.”

— Fernando Pessoa

Tanto a leitura quanto a escrita são práticas de grande importância para o desenvolvimento da cognição humana.

Ambas proporcionam o desenvolvimento do intelecto e da imaginação, além de promoverem a aquisição de conhecimentos. Dessa maneira, quando lemos ocorrem diversas ligações no cérebro que nos permitem desenvolver o raciocínio, melhorando o nosso senso crítico por meio da capacidade de interpretação.

Muitos são os benefícios que a leitura proporciona, como o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da comunicação, bem como o aumento do vocabulário, conhecimentos gerais e do domínio crítico. Além desses benefícios, com a leitura exercitamos o nosso cérebro, o que facilita a interpretação de textos e leva à maior competência na escrita.

Ao ler, nós adquirimos conhecimentos e, assim, ampliamos e expandimos os nossos horizontes cognitivos. Para além disso, estudos apontam que o ato de ler dá prazer, na medida em que reduz o stress ao mesmo tempo que estimula reflexões.

Por esse motivo, a leitura deve ser incentivada desde a educação primária. Incentivar as crianças e criar hábitos são chaves importantes para que estas desenvolvam o gosto pela leitura.

Ler é sonhar na realidade.

Sérgio Horzov, 11º E

O Silêncio

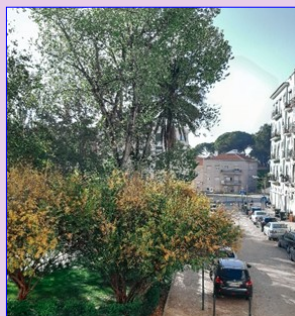
Confluências

SCRIPTOMANIAS

Na minha janela

Era dia 13 de março de 2020, o dia em que todos os portugueses se recolhiam nas suas casas por um período aparente de duas semanas, que se alastrou por vários meses.

Recolhemo-nos à simplicidade das nossas casas, sem qualquer conhecimento de como seria o final da história que continua, ainda hoje, a ser escrita. Isto para mim era o mais assustador, sem saber como e quando é que isto iria acabar, por quanto mais tempo iríamos permanecer na nossa habitação e sem qualquer tipo de interação social.



Durante esses tempos controversos e imprevisíveis por que todos passamos tivemos de arranjar maneira de manter a nossa sanidade mental, e eu encontrei-a nesta janela. Precisava de algo que me reconectasse com o mundo lá fora, com o ar puro, com a natureza, com a sociedade, com coisas que eram rotineiras na minha vida antes deste vírus.

Foi isto tudo que eu encontrei nesta janela, encontrei uma porta para o mundo, para a esperança, uma pequena viagem à liberdade, ao que antes fazia parte da minha rotina e a que eu nem dava valor.

Todos os dias durante o isolamento, tirava pelo menos meia hora do meu dia para lá estar. Para lá estar simplesmente a existir, sem pensar em nada, só a respirar o ar puro, que parecia faltar dentro das paredes em que estava condicionada. Era a melhor parte do meu dia, aproveitava cada minuto para relaxar, para me desconectar de tudo o que se estava a passar no mundo,

simplesmente para me conectar comigo mesma.

Das primeiras vezes era estranho ir para aquela janela e não ouvir o barulho das crianças no parque, das bolas contra as grades ou as simples conversas das pessoas que passavam, mas como poderia ouvir tais coisas se as pessoas não estavam lá? Isto deixava-me triste e menos esperançosa, e por isso passei a pôr uns auscultadores e a ouvir umas músicas calmas que me permitissem continuar a apreciar a beleza da natureza que me rodeava.

Gostava de sentir o sol na minha cara, o calorzinho que parecia divinal e inimaginável ser banalizado. Gostava também, particularmente, de passar por lá já de noite, de sentir o frio e o vento na cara. Sei que parece estranho e banal, mas era isso que o tornava tão especial.

Muitas vezes passava estas minhas jornadas com a minha companhia felina, não sei se era para me fazer companhia, para receber carinho ou simplesmente para ver a vista, mas fazia-me sentir menos sozinha.

Foi também através desta janela que vi os meus avós pela primeira vez em semanas, vieram ver-me, de longe, no meu aniversário. Estava habituada a ir almoçar a casa deles quase todos os dias depois das aulas. E foi das coisas que mais senti falta! Daquele carinho, daquele amor e daquela comida deliciosa.



Estas jornadas à janela foram um hábito que acabei por perder com o regresso à nova normalidade e à rotina escolar, mas estou aos poucos a tentar voltar. É essencial para mim desligar-me da escola, das tecnologias, e do mundo em si, e simplesmente estar comigo mesma sem pensar em mais nada.

Érica Rodrigues, 11º G

O Silêncio

NOTA: ouvir a música *Silêncio* do Slow J
<https://www.youtube.com/watch?v=PcwUDUWYjCc>

Ele é necessário, ele é importante, às vezes incomoda, outras vezes é cómodo, e era mesmo aquilo que precisávamos naquele determinado momento.

Quem diz que o silêncio é dispensável nunca se encontrou por completo, nunca foi em busca da mais genuína paz interior que é possível o ser humano alcançar, sentimo-nos puramente autênticos e felizes por nos termos a nós mesmos. Por tudo à nossa volta ter aparentado perder o brilho, mas nós continuarmos firmemente à espera de dias melhores. Firmeza tanta, que só esse facto já era motivo mais que suficiente para nos fazer sorrir. Sorrir porque o sol brilhou naquele dia e afugentou a tristeza. A mais espontânea felicidade está nas pequenas coisas que nos passam ao lado todos os dias, mas é quando o silêncio cai, que o sol se põe e dá lugar à lua para iluminar o céu, que nos lembramos que ainda vale a pena. E já dizia o ilustre Fernando Pessoa, “tudo vale a pena/ se a alma não é pequena”, e mesmo que a alma seja pequena, há que fazer valer a pena. Há que saber agarrar as oportunidades. Há que aprender a ser grato por aquilo que temos e saber ser ambiciosos para atingir os nossos objetivos, sem jamais deixar que a ganância e a cobiça nos ceguem. Essas sim são perigosas, são essas que nos impedem de ouvir o que de melhor o silêncio tem para nos dar, a melodia branda carregada de sabedoria, mas que mesmo assim alguns dirão que é nula.

Mais do que qualquer ano, 2020 foi o ano do silêncio. Foi um ano atípico em que acreditamos que mais nada poderia piorar, e mesmo com as estradas sem carros, as cidades populosas perderam a vida, as ruas desertas, os estádios sem os seus fiéis adeptos, as praias sem os banhistas e os restaurantes com as panelas e os tachos a brilhar de tão pouco uso, o silêncio pairava por tudo o que era canto, mas mesmo assim não fomos capazes de escutá-lo. Para tal contraste, as casas estavam cheias, os prédios sempre iluminados, o único barulho que se ouvia era o dos animais a estranharem tal situação, e o ponto alto do dia era quando saíamos para ir pôr o lixo. E exaustos dos turnos duplos e de ter trabalho sem fim, estavam os nossos profissionais de saúde. À semelhança do povo ilustre lusitano, que navegou por mares nunca de antes navegados e enfrentou perigos esforçados, mais do que prometia a força humana, temos os nossos profissionais de saúde que, embora todas as suas energias estivessem a ser consumidas dia após dia, não desistiram. Eles precisam de um pouco de silêncio, não que as palmas à janela não sejam motivadoras o suficiente, mas precisam de força para se lembrarem do motivo que os faz levantar todos os dias da cama. A salvarem centenas de vidas, colocam a sua em causa. E nós, embora fiquemos em casa, a cumprir o nosso dever cívico, também precisamos de coragem e sabedoria para saber escutar essa tal melodia branda e nula.

Com o fator silêncio tão presente, mas tão distante! Este ano foi diferente, sentimo-nos muitas vezes vazios, sem um propósito. Queixávamo-nos da falta do tempo, até que nos foi dado tempo a mais. Enfim, a hipocrisia... O único ponto a que quero chegar é que, às vezes, é preciso voltar a ouvir o silêncio...

Maira E. L. Antunes, 11º H

Confluências

SCRIPTOMANIAS

Fernando Pessoa, por João Beja Tenho em mim todas as angústias do mundo



Assim como inúmeros outros artistas pelo mundo fora, João Beja decidiu ilustrar a sua versão de Fernando Pessoa, desta vez com um aspeto desconfortável, desproporcional e assombrado pelo clichê dos heterónimos em plano de fundo. O sonhador mais conhecido dos tempos modernos é agora retratado junto da sua mesa habitual, tomando o seu café rodeado de sombras escritas e de assombrações desconhecidas que deixam o observador em dúvida se a angústia aqui retratada será verdadeiramente existencial, ou meramente intestinal.

O que não falta por aí são *cartoons* do génio que foi Pessoa, esta personalidade dispersa e poli-individual que inspira e contagia as almas artísticas mais variadas, tendo-se tornado uma das mais célebres musas literárias do mundo. Por ter uma tendência e um talento excecionais para a criação de pseudónimos, o autor é muitas vezes retratado em conjunto com os seus três heterónimos mais famosos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Neste caso em particular, a materialização destas personalidades na escrita, em recortadas silhuetas de papel escrevinhado, é um ponto forte que demonstra o carácter (i)material das diversas personalidades de Pessoa que ganham forma pelas suas palavras. Talvez seja uma questão como a do ovo e da galinha, mas, verdade seja dita, este é um formato bastante recorrente nas ilustrações sobre esta “Pessoa” emblemática.

Outro fator chamativo neste *cartoon*, é o traço carregado e muito ondulatório do autor que parece brincar com as proporcionalidades como um espelho curvo e que acaba por acentuar, de uma forma talvez demasiado carregada, certas expressões, características e objetos. Exemplos disso são a cadeira inclinada para trás, que pede um braço alongado como uma mangueira, que a perspetiva tenta salvar, e a expressão altamente carregada de uma angústia vitimizante exagerada. Esta última, por ser tão intensa, parece fugir à personalidade do autor, cuja inquietação é intrínseca ao sujeito criativo, não constituindo uma expressão necessariamente física, mas sim artística, sendo a dor retratada no desenho, através da expressão facial, um claro exagero da angústia de Fernando.

Deste modo, é possível concluir que os heterónimos (apesar de num formato recorrente) tiveram uma representação que lhes faz mais justiça do que ao ortónimo em si, cuja dor metafísica foi materializada com tal exagero que nos faz questionar se, na altura, a casa de banho do “Martinho da Arcada” estaria ocupada, e de quanto papel terá precisado Pessoa para tirar aquilo da alma.

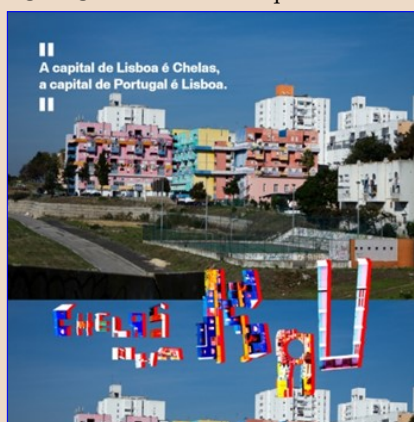
Constança Carvalho, 12º E

«Chelas nha kau» e a arte como representação da vida

O documentário “Chelas nha kau” (Chelas, meu lugar), produzido pelos coletivos Bataclan 1950 e Bagabaga Studios, inserido no DocLisboa 2020, retrata o quotidiano dos habitantes de Chelas. Apresentado a partir de um ponto de vista que parece dirigir-se especialmente aos jovens, tem a capacidade de atingir, de uma forma ou de outra, qualquer grupo etário.

O filme mostra, através de uma visão juvenil e despreziosa, o que é ser jovem em Chelas. De forma leve e natural, apresenta aos espectadores um mundo que é, para muitos destes, desconhecido. Em contraposição com esta ideia tão alegre da juventude, são apresentados depoimentos de outros moradores da região, mais velhos do que aqueles em que se centra o documentário, nos relatam os preconceitos de que são, muitas vezes, vítimas. Junto destas duas visões, a música homónima do filme é tocada diversas vezes.

Pessoalmente, tive uma experiência muito positiva com o filme, pois este foi capaz de me deixar inquieta, de me fazer questionar opiniões ‘pré-formadas’ e de reformular a minha conceção supérflua de cinema por algum tempo.



Inicia-se o documentário, veem-se jovens, imagens tremidas e amadoras, uma despreensão que quase incomoda, gravações que parecem redundantes, qualquer coisa que parece indicar uma falta de compromisso e preparação para com o projeto. Então, uma ligação para a *Telepizza*, e a operadora diz que não fazem entregas em Chelas. A partir deste momento, o tom do filme muda completamente, seguem-se relatos das mais diversas formas de preconceito sofridas pelos moradores, da falta de oportunidade de emprego, da violência policial, e, de repente, aquelas imagens que me pareceram inicialmente amadoras e descomprometidas passam a representar outra coisa, a esperança da juventude, a vida apesar do preconceito, a união de quem, todos os dias, vive a mesma luta. Percebo, então, o que a bolha do meu próprio privilégio criou em mim, e faço o que posso para estourá-la naquele preciso momento.

A película não tem, de facto, a melhor luz, o melhor som ou a melhor imagem, os planos são muitas vezes bagunçados e tortos. Porém, é colocada em evidência uma característica muito importante da arte, de forma alguma relacionada com a estética, a sua capacidade política de apresentar, a quem consegue, uma nova realidade.

Maria Carolina Silva, 11º J

Confluências

INSTANTES (I)



©Gonçalo Capitão

O Pombo e o Cão e as mulheres e o homem

Pela manhã, sem saber como, os olhos foram com os outros. Atraídos à boca da cena. Na boca do cão um pombo debatia-se com meio corpo de fora, sem saber que era seu. Pendendo, dava penas ao largo por meio de uma asa cinzenta latejando à sorte. O cão atacava sem intenção. Se ao menos tivesse um pinga dela, talvez lhe víssemos alguma humanidade. Com intenção, o homem dobrava-se balizando bem o dorso do animal aconchegando-o entre as suas duas pernas enquanto manobrava as operações de libertação do pobre pombo meneando com uma mão o pescoço e com a outra o focinho do canídeo amigo.

Reparei que naquela esplanada à sombra dos aloendros brancos verdes e frescos que a luz de setembro trazia e das árvores centenárias que recortavam uma cintura de chão descalçado ao passeio da cidade, e onde havia um quiosque de costas para a vida da gente e boca aberta para a entrada dos edifícios, reparei que algumas pessoas assistiam à cena. Suspensas, deixando-se ir. Estavam sentadas nas mesas afastadas e dispersas umas das outras, vendo-se bem que a distância era física, somente física. Porque numa irmandade desintencional se aglomeravam a caminho daquele fresco vivo que era como íman para as limalhas de ferro: a ver o homem, a ver o cão, a ver o pombo. A ver os três tempos conjuntos. Foi coisa de uns três, quatro minutos. Era o homem contra o cão, mas o cão e o pombo não eram contra ninguém. Até que o homem venceu o cão, que deixou escapar o pombo. E seguiu caminho, de intenção resolvida na companhia do seu companheiro, que lá ia sempre na mesma, e nem se sabia espantar. A pergunta *o que é que aconteceu aqui?* não era para ele. Lá ia manso e mudo, no conforto do seu dono. Mas

o pombo ficou no chão e não tinha qualquer intenção que lhe chegasse. Parecia esbracejar, sem qualquer braço, aos soluços espaçados, atordado, magoado, sentindo sem sentimento algum que se visse. Mal sabia o cão – que era animal que não passava além da fantástica interlocutoriedade do dono – que a ele devíamos um fio social que se estendia.

Sem saber de onde é que apareceu, como num passe de mágica, dei conta de uma mulher que já estava dobrada a pegar no pombo, aninhando-o primeiro logo ali nas suas mãos em concha, depois elevando-as ao nível da sua cabeça. E projetando-as para a frente, soerguia-se e via-se que não sabia o que fazer, olhando instintivamente ora para o pombo, ora para a frente e para os lados. Sem intenção. Só com penas, que se iam juntando. Uma ou outra subindo ao céu, cambaleando, mas muitas dele caindo. Sem intenção e com o credo na boca, a mulher deambulava o olhar como quem diz aos outros: e agora? O que é que eu faço com ele? Afagava-lhe o pouco corpo em que se arredondara, todo encolhido, como se aquilo fosse uma vergonha de se ver. *O que é que eu faço?* Lia eu no seu balanço de parágrafo boquiaberto escrito em letra maiúscula de emergência.

Também não soube como, mas talvez no curto momento em que levei a chávena de café à boca, vi depois que já outra mulher se lhe juntara e as duas conversavam com abundância, de roda daquele berço das mãos em concha. Enquanto juntava as mãos à roda da chávena já vazia e ainda quente, vi que as duas seguiam agora juntas pelo passeio a fora até fecharem a boca da rua que as engolia às duas de modo minguante.

Não sei é se já teria chegado alguma intenção ou se elas ainda iam à procura dela.

Irene Resende

Lisboa, Largo da Estefânia
(uma cena observada e o resto imaginado)
1 de setembro de 2020

SCRIPTOMANIAS

O Crescimento e o “algo”

Vou contar “algo”, “algo” sobre duas raparigas, um “algo” a que se chama vida.

Dois raparigas iguais e tão diferentes: uma, doce, medrosa e meiga; outra, desconfiada, louca e raivosa...

Qual conheces? Ou melhor, qual achas que conheces? Porque ambas se sabem esconder! Uma, doce, medrosa e meiga, sabe fingir-se de forte, e manter o sorriso, mesmo que o seu coração esteja a ser despedaçado. E achas mesmo que alguém tão desconfiada, louca e raivosa não sabe fingir ser a mais fofa criatura alguma vez criada?

Se achas que não, então, desculpa dizer, mas estás enganado/a!

Elas mostram que uma aparência pode ter dois corações. E não, não é bipolaridade, pois eu nunca disse que elas estavam as duas no mesmo corpo ao mesmo tempo.

É uma questão de “algo”, “algo” chamado vida. A vida transformou uma na outra, ou seja, transformou-a em mim.

Eu lamento o facto de ela já não estar aqui, de ser apenas uma memória antiga de mim.

Porque, embora o “algo” dela já não fosse perfeito, ela era “alguma coisa” que o meu “algo” nunca me vai deixar ser.

Madalena Laranjeira, 10º L

Confluências

INSTANTES (II)

Noturno no Alentejo

do lugar de Manuel da Fonseca

Chegaram ao passeio das Romeirinhas. Ia alto esse Alentejo no verão. Era noite no litoral. E essa noite morava no sossego da encosta do castelo, senhora absoluta da paisagem toda lá para baixo. Reinando de lés a lés, e até para lá das luzinhas que se avistavam bruxuleantes no horizonte, bordaduras rendadas naquele noturno aéreo, afundava-se no silêncio denso do montado para vir respirar nos presépios que se abrigavam aqui e além e que têm carreiros que vão dar ao mar. Há muito que Cerromaior dormia e o coração da noite continuava ainda a atrair a si o respeito de todas as coisas, batendo por elas como o deles os dois no modo como estavam um com o outro.

Falavam de mansinho, como se não estivessem ali. Baixinho, a começar da terra.

– Olha, tão bonito... não deixes de olhar, dizia-lhe ele. E tocava-lhe. Para lhe nascerem as mãos e os braços. Como isto é tão bonito e como nunca acaba... Escuta, ... escuta. Ouves? É o silêncio a dizer-se. Vem leve e carregado.

É a hora em que as árvores namoram no escuro. E por isso há estrelas no céu. Só para que as vejam, desde que se levantem. Nunca viste um sobreiro sem outro sobreiro, ou um pinheiro sem outro pinheiro, ou uma oliveira, sem outras à beira. Ou uma azinheira que não esteja à espera; dá uma sombra que não é em vão. Estrelas no céu escuro são pérolas à solta com o desejo de mais explorar, liberdades amadurecidas rebentadas do seu colar. E tocava-a. Para lhe nascerem os ombros e o pescoço.

– Olha como este lugar nos leva a vista pela mão. Como somos levados de amor... sabes, aqui olha-se com demora, contempla-se. É onde o mais longe anda mais perto e só se vê tudo no modo de admirar. Maravilhamo-nos sem mais nada. Compreendemos que somos da natureza como do regaço da nossa mãe. Não deixes de olhar, não deixes. Olha a tua pele: tudo à sua flor, seguindo as pérolas do céu. E tocava-a. Para lhe nascer o rosto. Para lhe nascerem os olhos.

Nos olhos dela nascia uma paisagem feita só daquela voz. E somente daquele tocar. E também daquela aragem, e da insónia daquele cantar do galo, ao longe, e do cheiro a rosmaninho, e da vida nas quintas, no tempo das amoras, e daquela folhinha tímida de oliveira que lhe veio cair no ombro a tremer. E do abraço dele que a estreitava, já completa.

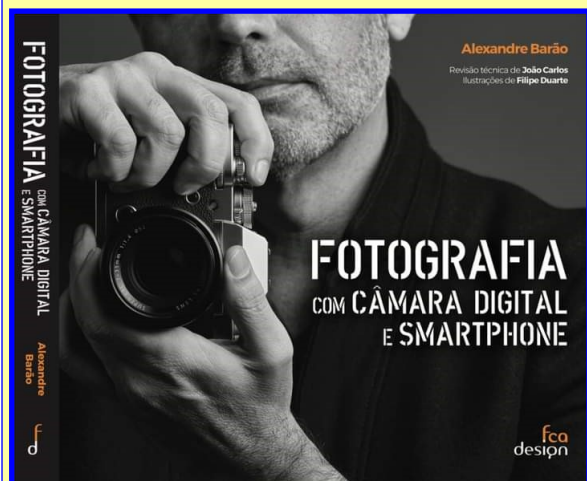
Na noite cerrada dos seus olhos, onde não se podia abrir a luz de um sorriso, porque lhe fugia para as faces, passavam mechas do seu cabelo com que acendia agora palavras admiradas e maravilhadas, como se pudesse falar tão bem quanto ele daquele noturno das Romeirinhas, como se pudesse também ela dizê-lo a alguém que nunca o viu, como se pudesse guardar dele o mais puro retrato para lá voltar outra vez.

Irene Resende

Lisboa, 18 de agosto 2019

<https://images.app.goo.gl/WUpixjJBZeNvyuMW9>

De **Alexandre Barão** (com ilustrações de **Filipe Duarte**), dois professores do 'Camões'



“Este livro assume-se como uma obra de referência obrigatória para quem se quer iniciar e desenvolver, no apaixonante mundo da fotografia. Com a capacidade que os smartphones têm de incorporar máquinas fotográficas, assistimos a uma geração que, diariamente, regista e publica milhares e milhares de imagens.

Assim, a fotografia é hoje uma realidade generalizada, ao alcance de todos. Escrita de forma didática, simples, acessível e entusiasta, esta obra ensina as bases do processo fotográfico, desde a composição e o registo da imagem, à sua edição e publicação.

Um livro repleto de conceitos estéticos e estratégias técnicas, destinado a todos os que queiram aprender fotografia.”

<https://www.wook.pt/livro/fotografia-com-camara-digital-e-smartphone-alexandre-barao/24504717>



2 a 15 de dezembro de 2020 **JL** JORNALDELETRAS.PT

EDUCAÇÃO • 5
TESTEMUNHO

Um bicho da terra tão pequeno

JOÃO JAIME PIRES

Um bicho da terra tão pequeno
(Camões, *Os Lusíadas*,
Canto I, estrofe 106)

Este ano de 2020 trouxe o inesperado, a pandemia abalou-nos, condicionou o modo de viver, fez repensar a forma como se olha o futuro, habituou-nos a conviver de perto com a imprevisibilidade, a sentir o tempo de uma nova forma, mudou o modo como as instituições e as pessoas nessas instituições se relacionam e aí habitam diariamente. Interiorizado o protocolo - entrar, higienizar as mãos, ficar afastado, desligar o contacto, o afeto, o abraço, o toque, o beijo, ainda assim, a escola nunca deixou de ser casa, colo, porto de abrigo, garantia de alguma equidade onde regressar, a partir de março, adquiriu um novo significado.

Num ano atípico, em que muito jovens não tiveram oportunidade de se despedir da sua velha escola nem ser acolhidos na nova, a alegria de conhecer um espaço ficou comprometida numa perda que não se recupera. O desafio de encontrar uma escola muito diferente daquela que os jovens deixaram em março, uma escola com mais tensão, mais medo, mais regras, com pais e professores também preocupados e com medo teve implicações no bem-estar. Qual é o custo emocional de cada medida para os jovens?

CLARA PESTANA CHEGOU AO CAMÕES em setembro para iniciar o 10º ano e conta-nos: "Os seres vivos assustados, quero-vos falar da minha experiência enquanto aluna no 1º ano duma escola secundária em tempos estranhos devido à palavra (cada vez mais referida) covid-19. Depois de um verão vivido de forma relaxada, em que, por momentos, até nos conseguimos esquecer deste maldito vírus, chegaram as aulas, o regresso à escola e todos os cuidados que, aos poucos, voltavam a entrar em desuso. Distanciamento dentro da escola, uso constante de máscara, álcool em gel a cada esquina, escassos trabalhos de grupo, aulas dinâmicas raras, falta de sorrisos, interações dificultadas... e medo, muito medo.

"Diria que aqui há algo a ser discutido, medo de quê? Na minha opinião há vários medos ligados a toda esta situação: há quem realmente se assuste com a possibilidade de ficar doente, outros pensam que podem contagiar os mais velhos se não seguirem as tão conhecidas normas da DGS, alguns receiam o que possa acontecer a nível económico, há quem vá ficar desempregado, existem pessoas com medo de perder amigos, de perder momentos, de não aproveitar a vida ao máximo, carentes de afeto e de toque, há quem não se sintam humano pois está a perder o



"Com os sonhos em espera, acreditamos que o Camões é 'um lugar onde se entra e sai livremente como no pensamento', nos sonhos e nas ações"

dom de ser um ser social e alguns têm pavor, pavor a terem de decidir qual é a sua prioridade, se metem à frente a saúde da comunidade ou a sua própria sanidade mental.

"A meu ver, o medo da grande maioria dos jovens é este último que referi, acabando, assim, por tentarmos socializar, por vezes sem cuidados, mas passando álcool nas mãos como ato para deixar a nossa consciência tranquila ou, noutros casos, pondo a máscara para dar abraços, pois é difícil e doloroso escolher o que é considerado certo".

O AFASTAMENTO FÍSICO CONDUZIU AO ISOLAMENTO, diminuição da sociabilidade, do encontro com o rosto, o olhar e a expressão que alimenta as emoções. Margarida Duque, que concluiu o 12º ano sem ter oportunidade de se despedir da escola, refere a importância da saúde mental: "Covid: para muitos, um vírus letal, que leva amigos a família, para outros, um desconhecido aterrador, que assombra saúdes mentais, para os finalistas de 2020, provavelmente, um criminoso, ladrão de bailes e viagens de finalistas e para alguns, como é o meu caso, um fragmento de imaginação, pois apesar de real, ainda não contactei diretamente com ele. Na realidade, é um pouco de tudo para mim: vírus, desconhecido, criminoso, imaginação... E foi neste turbilhão de ideias e sentimentos que terminei o meu último ano de secundário.

"Desde o momento em que começou a quarentena até aos dias

Interiorizado o protocolo, a escola nunca deixou de ser casa, colo, porto de abrigo, garantia de alguma equidade onde regressar adquiriu um novo significado

Este ano vai ser atípico, frustrante, difícil, de equilíbrio entre saúde e liberdade, mas ao mesmo tempo um período de esperança, aprendizagens, valorização e talvez um momento de mudança
Clara Pestana,
aluna do 12º ano

dos exames, não regressé à minha querida Secundária de Camões uma única vez, por conviver regularmente com uma pessoa de risco. Foram meses de aulas e testes virtuais, que apesar do muito esforço por parte dos professores, acabaram por não ser

bastante produtivos. Dias difíceis que me testaram a paciência e a força de vontade inúmeras vezes, umas quantas aulas assistidas a partir da cama e uma grande inércia a qualquer tipo de trabalho, até aos trabalhos de grupo que, normalmente, aprecio bastante".

KARL POPPER AFIRMOU A REFUTABILIDADE da teoria científica, Gaston Bachelard problematizou a complexidade do conhecimento, Thomas Kuhn mostrou a descontinuidade da história da ciência, Edgar Morin referiu que "viver é navegar num mar de incertezas", mas salienta a oportunidade para reforçar a consciência das verdades humanas que fazem a qualidade de vida: amor, amizade, comunhão e solidariedade. Acreditando no poder da ciência para nos tirar deste mar de incertezas, este será, talvez, um bom momento para ver a humanidade como uma comunidade de destino, imaginar o que é supérfluo ou essencial na vida.

E é disto também que a Clara tem consciência: "Depois de tanto pessimismo, sinto que toda esta experiência pandémica trouxe, também, coisas boas. Aprendemos a dar muito mais valor ao que nos rodeia.

O facto de termos estado desde março até ao final das aulas em casa mostrou-nos o quão importante é a escola, estar com os colegas, professores, os intervalos, horas de almoço, clubes, desportos, ir ali, ir acolá, só estar. Ironicamente, se nos lembrarmos da vida antes de tudo isto, quem é que não dava tudo para passar o dia em casa? Quem não

adoraria saber que podia ter aulas na cama ainda de pijama? Que até tinha possibilidade de copiar os testes dos outros, porque nenhum professor ia descobrir? Acho que tudo isto seria o paraíso para todos nós, mas afinal não, deram-nos o 'paraíso' e nós não gostámos. Por mais que as nossas vidas não sejam a utopia, se calhar estão mais próximas disso do que imaginamos. Concluindo, este ano vai ser atípico, frustrante, difícil, um ano de equilíbrio entre saúde e liberdade, mas ao mesmo tempo um período de esperança, aprendizagens, valorização e talvez, quem sabe, um momento de mudança".

O drama que estamos a atravessar neste período, tal como diria o Papa Francisco, "impõe-nos a não nos perdermos em coisas de pouco valor, a redescobrir que a vida não serve, se não se serve". No tempo em que, mais do que nunca, existem saudades da família e dos amigos que antes estavam sempre connosco, Margarida Duque refere "Mas a verdade é que este período de isolamento também me surpreendeu muito pela positiva. Fiquei espantada com o esforço que vi colegas e professores fazerem para que, apesar de não estarmos juntos, continuásemos em contacto uns com os outros. Impressionaram-me certos pormenores de preocupação, uma chamada ou mensagem, palavras reconfortantes e amigas, houve muito presente um esforço feito por todos para nos motivarmos uns aos outros. Assim, acredito que toda esta provação nos tenha feito mais gratos pelo que temos, quer seja família, amigos, colegas, professores, saúde, e, na verdade, não sei se os alunos de outras escolas ou até de outras turmas também o sentiram, mas eu posso dizer que, felizmente, me senti bastante acompanhada e apoiada nestes últimos meses".

A pandemia evidenciou a necessidade do ensino a distância; porém não há ensino sem escola física, sem ações de aprendizagem diversificadas, sem interação presencial professor/aluno. Os recursos tecnológicos complementam mas não substituem, o brilho da máquina não dispensa a aula presencial. Numa escola em tempos de incerteza as rotinas mudaram, no entanto os imprevistos continuam a ser os mesmos e há atividades que não podemos esquecer - proteger a saúde física e mental, desenvolver a resiliência, regressar ao pátio, à festa, e sem descuidar o futuro redesenhar processos, avaliar oportunidades, integrar todos os alunos para que se sintam bem e sejam bem sucedidos. Quando tudo acabar, vamos cair nos braços uns dos outros, mas isso não significa que não fiquemos marcas. E tal como a Clara e a Margarida, com os sonhos em espera, acreditamos que o Camões é "um lugar onde se entra e sai livremente como no pensamento", nos sonhos e nas ações. **JJ**

Nota: Texto escrito com os contributos das alunas Clara Pestana e Margarida Duque.

**João Jaime Pires é diretor da Escola Secundária de Camões, em Lisboa, das mais antigas e prestigiadas do país, e que continua a ser, em vários domínios, um exemplo.*



Confluências

O PÓ DO TEMPO

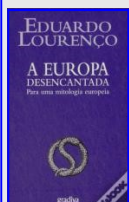
Ensaísta, professor, filósofo, crítico literário.

Nasceu em São Pedro do Rio Seco, no concelho de Almeida, distrito da Guarda, e faleceu no dia 1 de dezembro, em Lisboa, aos 97 anos.

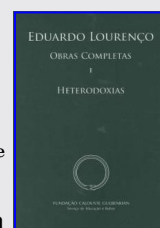
Numa homenagem no Mosteiro dos Jerónimos, onde decorreu uma missa de corpo presente, disse o Cardeal José Tolentino de Mendonça (e bibliotecário da Santa Sé): “o caixão de Eduardo Lourenço tem, qualquer que seja a sua forma, a forma de Portugal, do qual ele foi e será, para muitas gerações futuras, um explorador e um cartógrafo, um detetive e um psicanalista do destino, um sismógrafo e um decifrador de signos, uma antena crítica e um instigador generoso e iluminado. Depois dele, todos podemos dizer que nos entendemos melhor a nós próprios”.

Algumas frases de Eduardo Lourenço:

“O homem é, por essência, alguém que vive dos sonhos maiores do que ele.” Julho de 2017 (entrevista ao PÚBLICO)



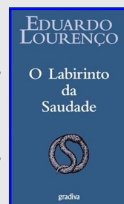
“A tragédia já é, em si, nós não podermos escapar àquilo que nos espera, seria uma injustiça para todas as outras pessoas, que eram os nossos e que já morreram, que nós não fôssemos capazes de suportar aquilo que eles suportaram quando chegou o fim deles”. “É ir para a morte como se todos aqueles que nos conheceram e nós amámos estivessem conosco”. Entrevista à agência Lusa, quando fez 95 anos



“Hoje podemos estar uma vida inteira a ver cinema, televisão ou um ecrã e morrer sem ter entrado na vida.” Julho de 2017 (entrevista ao PÚBLICO)



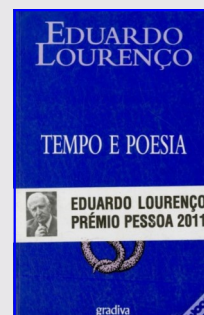
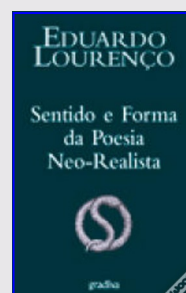
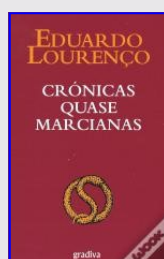
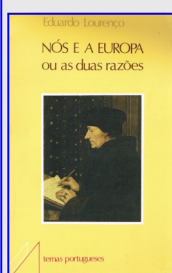
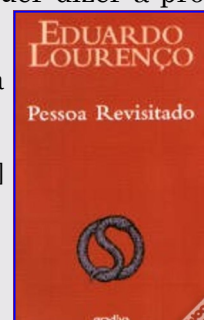
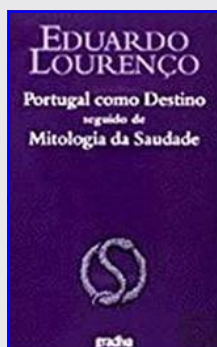
“No livro a gente pode voltar atrás, andar para frente. Também podemos fazer isso com a imagem, provavelmente, mas há sobretudo esse tempo que é transportado fisicamente pelo livro. Esse pó que fica nos livros. O pó do tempo. Nos novos instrumentos não haverá pó. É só o que lhes falta. Esse pó quer dizer o tempo, quer dizer a própria essência da nossa vida.” Setembro de 2008 (entrevista à revista Ler)



“Porque se há alguma coisa que posso dizer de mim é que eu nasci nos livros e nunca saí dos livros.” Setembro de 2008 (entrevista à revista Ler)



[In PÚBLICO on-line, 1 de dezembro de 2020]



Confluências

POR CONSTÂNCIA

“Uma muito antiga tradição de Constância, passada de geração em geração, afirma que Camões aqui terá vivido durante algum tempo, em cumprimento de uma pena a que fora condenado, apontando umas ruínas à beira do Tejo como tendo sido a casa que acolheu o épico.”

<http://www.cm-constancia.pt/index.php/pt/visitar/cultura/casa-memoria-de-camoes>

Pelo olhar de Madalena Contente (professora de Português, há pouco aposentada), uns breves apontamentos fotográficos que nos ‘aproximam’ do poeta-patrono da nossa Escola.



Confluências

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES – 111 ANOS



16 DE OUTUBRO DE 2020

UMA CELEBRAÇÃO EM
TEMPOS DE
PANDEMIA

Estava prevista a leitura integral de *Os Lusíadas* na Escola, em dez salas, por ocasião da iniciativa que habitualmente se leva a cabo num determinado dia do ano letivo, em 45 minutos de pausa (STOP 45'), para ler em silêncio, ou para ouvir música, ou para assistir a uma peça de teatro, ou ver cinema, ou...

Em vez disso, a pandemia trocou as voltas a toda a gente, e a Escola buscou um meio de manter viva a dinâmica e a tradição, de manter a comunidade educativa interligada e unida em torno do seu patrono.

Duzentos e vinte e nove 'leitores' foram convidados a dar voz ao longo texto épico de Camões; ao fim de seis meses, estavam produzidos e editados em vídeo os Dez Cantos d' *Os Lusíadas*. Uma prova de entrega, de dedicação e, sobretudo por parte de uns quantos, de grande e esforçado envolvimento.

Por isso, a celebração dos 111 anos do Camões, fazendo jus ao Poeta, foi um evento especial.

Com as regras sanitárias respeitadas, o Auditório Camões foi palco de uma simbólica *performance* musical (com acordeão, piano, violino e voz) e de uma singular participação, sobre a epopeia camoniana, do Professor Jeffrey Childs e de Elsa Childs.

A abrir a efeméride, a intervenção do diretor da Escola, professor João Jaime, que abaixo se reproduz.

"No momento sensível e muito crítico em que nos encontramos, gostaria de realçar três apontamentos: **o aqui, o agora, o sempre**, tal como diz o cartaz desta comemoração restrita dos 111 anos do Camões.

Aqui, há um ano atrás, foi com enorme prazer que enchemos o auditório para celebrar o aniversário da escola, com vários testemunhos de ex-alunos, um ambiente de festa, muita alegria com o início das obras e o reconhecimento do mérito dos alunos; hoje, celebramos com um grupo mais pequeno, mais afastado, mais preocupado, mas com o mesmo empenho e vontade de, ainda assim, querer continuar a fazer coisas e a acreditar que há uma normalidade possível.

Agora, num momento difícil da travessia, gostaria de transmitir uma mensagem de confiança, porque o vírus não nos paralisou, e continuamos a acreditar que o Camões é uma escola capaz de fomentar o interesse pelo mundo, é um espaço onde os jovens continuam a acreditar nos seus sonhos e na sua força para transformar a realidade, é uma escola onde queremos que as aprendizagens sejam significativas dentro mas também fora da sala de aula, é uma escola onde queremos

que os alunos, ainda que com a máscara a esconder os sorrisos, continuem a socializar e a construir afetos. Tal como há 100 anos, mesmo em tempo de pandemia, a vida continua...

Sempre, antes como agora, continuamos a saudar o caminho, a honrar os compromissos e as lutas habituais – as obras de requalificação, a defesa da escola pública, o combate às desigualdades, a valorização das aprendizagens, a integração de todos os alunos e a promoção de uma escola cultural.

É neste sentido que gostaria de realçar o projeto da leitura integral d' *Os Lusíadas*, que nasceu no seio de uma pandemia e que, no isolamento das nossas casas ou de outros espaços, despertou, numa pluralidade de cenários criativos, o humor, a ironia, a seriedade, a sensibilidade, a provocação e a originalidade de cada leitor, que, com o seu olhar e a sua singularidade, conseguiu "humanizar os Lusíadas"!

A apresentação do Canto X é simbólica, mas é o reflexo do esforço e do trabalho de todos os que acolheram a iniciativa desta obra grandiosa – alunos professores, pais, funcionários, amigos do Camões – e que reforça o sentido da pertença, de conhecimento e de ação, numa escola que sempre procurou sair da sala de aula para construir novas ideias numa ligação permanente à comunidade.

Obrigado a todos pela criatividade, empenho e participação."

Os vídeos com a leitura dos dez Cantos da épica camoniana estão publicados em: www.escamoes.pt

O vídeo com a cerimónia da Celebração pode ser visto em: <https://youtu.be/guUUr2F9D7s>



Lídia Nascimento e Manuel Nascimento

[mar_a_deriva | instagram]

*dois cidadãos que há 20 anos apanham lixo marinho***– São uma equipa. Quando iniciaram a recolha de lixo marinho o que vos motivou a iniciar este vosso projeto?**

Somos dois cidadãos comuns, casados há 25 anos, e apanhamos lixo marinho juntos desde essa altura. O que nos motivou a apanhar lixo, foi termos a consciência de que esse lixo era mau para o meio ambiente, destruindo habitats e matando animais marinhos. O projeto Mar à Deriva não é uma associação, é apenas uma página no Facebook e no Instagram, onde partilhámos o lixo que encontramos, para dar a conhecer às outras pessoas este flagelo que está a destruir ecossistemas. O Mar à Deriva foi criado em abril de 2019, pois passámos a encontrar muito mais lixo do que anteriormente, ou seja, todas as marés passaram a deixar lixo nos areais e nas rochas. Apesar de não sermos uma associação, somos reconhecidos pela Fundação Oceano Azul como uma organização informal e fazemos parte da Convenção das Organizações por um Oceano Limpo (COOL).

**– Em que setor do litoral desenvolvem a vossa prática de “catadores de lixo marinho”?**

Uma vez que moramos junto ao mar, em Santa Cruz, Torres Vedras, é mais habitual apanharmos lixo marinho nesta zona, ou seja, entre Santa Cruz e a Nazaré. No entanto, também apanhamos lixo quando vamos a outras zonas do nosso litoral.

– Só recolhem lixo em terra ou já fizeram recolha aquática?

Só recolhemos lixo na costa (areias e zonas rochosas), uma vez que não temos equipamento de mergulho e atualmente já não praticamos essa atividade.

– Com que regularidade fazem a recolha de lixo marinho?

Recolhemos lixo marinho sempre que vamos à praia. Uma vez que moramos junto ao mar, vamos à praia quase todos os dias.

– Qual foi o vosso máximo na recolha – quantidade /tempo?

O máximo que apanhámos, em termos de peso, foi 1.180 kg, ao longo de 5 horas, mas habitualmente nunca abaixo de 100 kg.

– Que categorias de lixo marinho recolhem?

Mais de 90% do lixo marinho que recolhemos são restos de artes de pesca. Todo esse material é em plástico, sejam cabos de pesca, boias, esferovite, etc. Também apanhamos algum lixo doméstico, como garrafas, cotonetes, tampas, etc., no entanto, muito desse lixo doméstico é deixado borda fora pelos barcos.

– Qual os resíduos /objetos mais estranhos que já recolheram?

Partes de carros, uma embalagem com cápsulas de cloroquina, brindes (bonecos) dos gelados Rajá, dos anos 1960 e 1970, e bastante lixo dos anos 1980. No entanto, todo o lixo é “estranho”, pois não pertence ao meio ambiente onde se encontra.

– Sabendo que as correntes /tempestades dispersam os resíduos pelos oceanos e costas de todo o mundo, que resíduos já recolheram com origem noutros continentes?

Restos de armadilhas e braçadeiras da pesca da lagosta, provenientes dos EUA e do Canadá (vêm a navegar através do giro do Atlântico Norte). Embalagens da Turquia, Indonésia e Japão; no entanto, este lixo não vem com as correntes do sítio de origem, mas deixado fora por barcos.

**– Conseguem mencionar quais os resíduos mais antigos que recolheram?**

Uma garrafa da água de Luso – ainda não sabemos ao certo de que

ano, mas provavelmente terá cerca de 80 anos. Os brindes dos gelados Rajá, que são dos anos 1960, 1970. Copos de iogurte e outras embalagens de 1986, praticamente intactas.

– No litoral português, quais as zonas onde ocorre mais lixo marinho?

Centro e Norte, devido às correntes.

– Qual o vosso sentimento depois de uma jornada a recolher lixo marinho?

Inicialmente, sentimo-nos impotentes e desesperados, mas quando terminamos sentimos um misto de tristeza e sentimento de dever cumprido.

– Dos contactos que estabelecem, ou por informação de algum estudo, quantas pessoas, em Portugal, fazem um trabalho igual ao vosso?

Existem dezenas ou mais de uma centena de associações ligadas a este tema, no entanto, a nível de ação no terreno, são poucas as que efetivamente fazem um trabalho regular.

– A recolha de lixo marinho por cidadãos é uma prática que se verifica noutros países. Contactam com pessoas de outros países, e que atividades fazem em comum?

Sim, através do Instagram, temos contacto com cidadãos de outros países que recolhem lixo de forma regular (não só no mar, mas também em florestas, campos, etc.), e que nos enviam fotos do lixo que recolheram. Também temos contacto com uma associação em Espanha, a Coge3, cujo fundador é nosso amigo, o Óscar Garcia Alonso, que foi um grande impulsionador deste movimento e que conseguiu chegar às massas através de um documentário sobre este tema, o “White Waves” (vale a pena ver).

– Ao fim de vinte anos a realizar esta atividade em prol do ambiente, como se tem modificado a situação do lixo marinho?

Tem vindo a piorar, e nos últimos tempos de forma catastrófica. Enquanto durante muitos anos aparecia lixo de vez em quando, a seguir a uma tempestade, por exemplo, atualmente aparece lixo todos os dias e em maior quantidade.

– Na conta do instagram “mar_a_deriva”, têm muitos seguidores. Como explicam esta adesão?

Até termos encontrado o lixo dos anos 1980, só conseguíamos chegar às pessoas que já tinham consciência deste problema. Quando encontramos e publicámos o lixo dos anos 1980, tudo mudou, pois houve interesse por parte da comunicação social e de algumas pessoas famosas, que partilharam a nossa publicação. A seguir a isso o número de seguidores subiu em flecha.

– Que mensagem gostariam de transmitir às gerações mais jovens sobre este assunto do lixo marinho?

Em primeiro lugar, queríamos pedir desculpa às gerações mais novas, pois foi a nossa geração que, inconscientemente, causou este desastre. Temos esperança que consigam fazer melhor do que nós, pois agora já se tem consciência deste problema. É necessário o envolvimento de todos, tanto cidadãos comuns, como decisores, quer políticos, quer empresariais. É necessário tentar evitar a utilização de plástico descartável e reutilizar tudo o que for possível. O grande desafio para os jovens será a ‘economia circular’.

Confluências

CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO

A biodiversidade na Praia das Avencas captada pela câmara de

Bruna César

Curso Técnico de Fotografia | Escola Secundária de Camões, Lisboa
Fotografia | Paisagem | Natureza

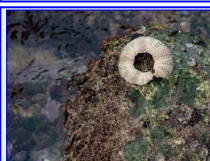
Sou de opinião de que estamos longe de conhecer que espécies existem realmente no ambiente oceânico. Há por aí mais espécies do que pensamos.

(Robert H. Gibbs Junior, 1986)

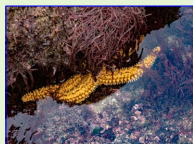
Numa manhã do mês de fevereiro de 2020, na Área Marinha Protegida das Avencas, um santuário de biodiversidade, registei com a minha câmara inúmeras imagens dos seres vivos, bem como de outros elementos da paisagem, que com as suas cores, formas e movimentos conferem a este ecossistema costeiro uma enorme diversidade e beleza.

O meu olhar (e a minha câmara) dirigiu-se para os enclaves rochosos onde se fixam as anémonas, para as poças de maré onde se movimentam estrelas-do-mar, para as fissuras das rochas onde se escondem, na maré baixa, pequenos peixes, para as lajes de pedra seca onde se fixam com grande força as lapas.

Bruna César



Fragmento de concha de ouriço-do-mar sobre rocha onde crescem algas castanhas e verdes, que se ergue da poça de maré.

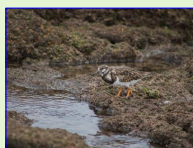


Estrela-do-mar | *Asteria rubens*

As estrelas-do-mar são equinodermes que habitam os enclaves rochosos do intertidal da praia das Avencas. Alimentam-se de ostras e outros moluscos com concha. Têm uma estrutura em forma de estrela. Sobre o corpo uma camada de espinhos curtos. Os braços têm a capacidade de se regenerar.



Zona Intertidal rochosa da Praia Avencas e um jovem fotógrafo captando a imagem certa.



Rola-do-mar | *Arenaria interpres*. Em alimentação na plataforma rochosa do intertidal.

Ave limícola de patas curtas e alaranjadas, de peito branco e dorso em tons de castanho escameado. É muito comum no litoral rochoso de Cascais e apesar de ser uma ave migratória pode observar-se durante todo o ano. Esta alimenta-se de crustáceos e moluscos.



Planando sob o céu cinzento de fevereiro encontrava-se a gaivota-de-asa-escura | *Larus fuscus*.

Ave de asas e dorso cinzento-escuro e de patas e bico amarelo, com uma pinta vermelha. Estas aves alimentam-se de peixes, crustáceos, invertebrados aquáticos e crias e ovos de aves. São muito flexíveis na alimentação, por isso também comem desperdícios orgânicos deixados no mar, nas praias, nos recipientes de lixo. Estas são aves migratórias, mas observam-se em Portugal durante todo o ano.



Anémone | *Actinia fragacea*

Três anémonas de cor vermelha e manchas esverdeadas instaladas num interstício rochoso do intertidal. De corpo gelatinoso têm uns pequenos tentáculos curtos e retráteis. Na maré baixa, para não secarem com a exposição ao sol, recolhem os tentáculos, apresentando então uma forma esférica. Devido à espetacularidade da cor vermelha são também conhecidas por morangos do mar.



Lapa | *Patella vulgata*

Duas lapas, que parecem o reflexo uma da outra. Apresentam concha calcária. As lapas são muito comuns na zona supralitoral. Na maré baixa, quando não estão submersas, fixam-se com força às rochas para não secarem.



Confluências

CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO

Agenda 2030: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, ONU

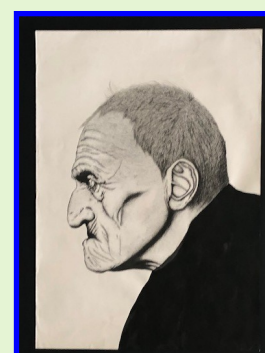
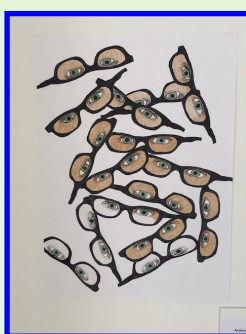
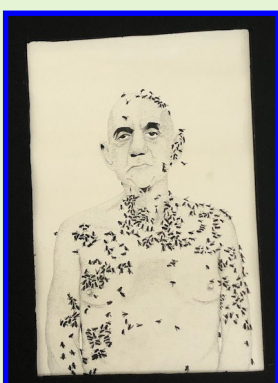
Exposição *A Eternidade do Pé Descalço*

O nosso planeta enfrenta enormes desafios económicos, sociais e ambientais.

Os objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS) sucedem aos objetivos do milénio (ODM), alargando os desafios que devem ser abordados para erradicar a pobreza e abarcar um vasto leque de tópicos interrelacionados, nas dimensões económica, social e ambiental do desenvolvimento sustentável.

A Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas é constituída por 17 ODS e foi aprovada em setembro de 2015 por 193 membros, resultando do trabalho conjunto de governos e cidadãos de todo o mundo para criar um novo modelo global para acabar com a pobreza, promover a prosperidade e o bem-estar de todos, proteger o ambiente e combater as alterações climáticas.

Com enquadramento nos ODS, **os alunos da Oficina de Artes 2019/2020**, de 24 de setembro a 30 de outubro de 2020, realizaram, no *Espaço da DGEstE*, a exposição sob o tema *A Eternidade do Pé Descalço*.



Confluências

CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO

A execução de um website

Profissional de Informática do Camões vencem 2^o lugar no **Concurso SiteStar7**



<http://cidadaniaambiental.pt>



Mostra ao mundo o que andas a fazer?

A equipa Jovens Investigadores pelo Ambiente - João Devesa, Nuno Cunha e Duarte Alexandre do Curso de TGPSI – responderam ao desafio / pergunta da DECO, em colaboração com a ALTICE, e desenharam e criaram o website CoastWatch Camoniano, 5 Anos a Olhar pelo Litoral, submetendo-o à 7^a edição do Concurso Sitestar.pt no escalão etário dos 15 aos 18 anos.

Enquadrado na Categoria 1 do Regulamento do Concurso – Escolas Mais Digitais -, os três alunos da Escola Secundária de Camões puseram em prática a execução de um website ao qual fizeram confluir saberes e experiências, suas e de colegas, que ao longo de 5 (cinco) anos participaram ativamente no Projeto CoastWatch Portugal, projeto de Educação Ambiental para as Zonas Costeiras mais antigo no nosso País, contando já 30 anos de atividade.

Com tudo o seu entusiasmo e criatividade os Jovens Investigadores pelo Ambiente conquistaram o 2^o lugar no Concurso do seu escalão etário, entre 62 (sessenta e dois) projetos finalistas de 3 (três) escalões (selecionados entre 222 iniciais), mostrando ao mundo pequenos artigos sobre temas ambientais das zonas costeiras, registos de atividades de campo, entrevistas realizadas a especialistas do litoral entre outros assuntos que se podem explorar em <http://cidadaniaambiental.pt>.

Parabéns pela criatividade e pelo exercício da cidadania, ativado em todos os momentos de construção do website e de envolvimento com as equipas do GEOTA e com os demais parceiros.



Professores



Confluências

CLÁSSICOS

Olimpíadas da Cultura Clássica: Celebração 2019/20

Na terceira edição das Olimpíadas da Cultura Clássica, doze alunos de Latim da Escola Secundária de Camões participaram no desafio escrito. Os temas propostos foram os mitos de Deméter e Perséfone, Aracne, e Orfeu e Eurídice.

Como noticiado no último *Confluências*, a Maria Carolina Silva foi a vencedora nacional do escalão C (ensino secundário) e a Sofia Carvalho ficou em terceiro lugar.

Devido à pandemia mundial em que vivemos e que impossibilitou a habitual festa de encontro e de entrega de prémios, na FLUL, a Celebração 2019/20 e o Lançamento 2020/21 das Olimpíadas da Cultura Clássica fez-se em registo audiovisual.

No canal youtube da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), todos poderão conhecer/ rever o que aconteceu na edição do ano letivo passado e, também, saber quais os temas da edição do corrente ano letivo de 2020/21.

Ver aqui: <https://www.youtube.com/user/blogrbe>.



Participação no 'Festival Européen Latin-Grec' 2020



Pelo segundo ano consecutivo, a Escola Secundária de Camões participou no Festival Européen Latin-Grec, uma iniciativa de âmbito mundial que tem como principal objetivo a divulgação de obras autores latinos e gregos.

Na edição de 2020, o desafio foi a leitura das *Metamorfoses*, de Apuleio. Em junho, professores e alunos de Latim do Camões fizeram a leitura inicial do famoso "Conto de Amor e Psique" (Livro 4.28-35). Aqui fica o vídeo que pode ser visto no canal youtube da ESC: <https://www.youtube.com/watch?v=0t6VDJz3evw&t=6s>.

FICHA TÉCNICA:

Autor: Lucius Apuleius (c. 125 - 180 d.C.).

Obra: *Asinus Aureus* | *O Burro de Ouro*.

Tradução portuguesa: Delfim F. Leão.

Leitura: Mário Martins, Maria do Carmo Leite, Melissa Rodrigues, Madalena Rodrigues, Maria Carolina Silva, Frederico Chaves, Mariana Roque, Laura Franco, Matilde Lopes, João Díaz, Maria Capitão, Mariana Almeida, Cristina A. Guerreiro.

Grafismo: José Alvega.

Montagem: José Alvega.

Pós-produção áudio: José Alvega.

Produção: José Alvega.

Ano: 2020

Núcleo de Estágio de Português / Latim

A Escola Secundária de Camões, como tradicional escola cooperante com diversas universidades portuguesas, acolhe, no presente ano letivo, dois mestrados estagiários da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que aqui realizarão o seu estágio pedagógico, nas disciplinas de Português e de Latim: **Maria Olímpia Especiosa** e **Ricardo Acácio**.

Aos dois professores endereçamos os nossos votos de muitas felicidades e profícuo labor!

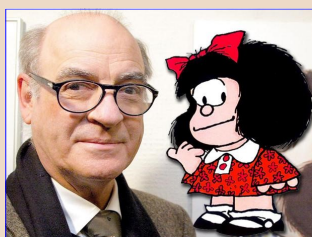
Prof. Mário Martins

'MAFALDA'



"Mafalda ficou desconsoladamente órfã."

Joaquín Salvador Lavado Tejón (argentino), mais conhecido como **Quino**, o 'pai' da personagem mundialmente famosa – **Mafalda** – faleceu, aos 88 anos, a 30 de setembro deste ano.



Confluências

TESTEMUNHO

O MEU CAMÕES FEZ ONTEM 111 ANOS.

Claro que o épico nasceu vai quase para 500 anos mas o Lyceu Camões que honra a sua memória, também já vai para além do centenário.

Visito-o com alguma frequência e tento estar presente nos encontros de antigos (velhos...?) alunos desta casa, para recordarmos o bem irrecuperável... a juventude.

Sim, é verdade, há a juventude de espírito, a esperança de vida, a vida com esperança, mas a juventude está mesmo nas células que se vão enrugando e enfraquecendo com o tempo.

Adiante!!!

O meu Lyceu (desculpem a apropriação) andava há muito tempo a precisar de uma profunda remodelação.

Com o esforço de tantos de nós e a resiliência (tão gasta a palavra) persistência, capacidade de luta e talvez até a teimosia do director João Jaime Pires, a casa está em obras e vai ficar em forma para mais cem anos.

Será para o ano, o dia em que veremos como o velho se fez novo? Talvez mais algum tempo de espera dos veteranos, a tomarem os comprimidos todos, análises, *tacs*, caminhadas e dietas, para marcarem presença no dia C, a aplaudir entre lágrimas e sorrisos o novo Lyceu Camões.

Agora é Escola, o Director já não é Reitor, o pessoal menor são agora assistentes operacionais e as aulas têm rapazes e raparigas a aprender a saber.

Nas fotos, o pátio, o gabinete de física, o velho ginásio com a eterna olímpica **Esbela Fonseca Miyake**, o átrio de entrada com o meu colega **Simão Draiblat**, o trio com o director **João Jaime**, o guardador de memórias camonianas o meu grande amigo **Artur Luís Antunes** e o 27 do 1º E.

(...)



Júlio Isidro

FB, 17/10/2020

[O texto não segue o AO/90]

Confluências

CRÔNICA



Antônio Soute
Professor
antonio.soute@gmail.com

«human», 127
(Set.-Out. 2020)

Desafogos

O ano letivo transato foi o que se viu. Depois de março, e à semelhança de quanto no país se viveu, desunhou-se a escola para salvar a honra do convento, ajustando-se e inventando-se, poupando-se uns e sujeitando-se outros, dedicando-se todos, ou a larga maioria, para que no cômputo final se não perdesse tudo, ou se não pusesse tudo a perder. Enfim, cumpriu cada qual o seu dever, fez-se o que se pôde. Pelo meio, muita imaginação, muitas questões e muitos desacetos. Experimentaram-se e aperfeiçoaram-se metodologias e estratégias, desvendaram-se plataformas e ferramentas, promoveram-se capacidades e competências. Muito se altercou sobre a «virtualização» da Educação assente na mediação tecnológica, nas suas modalidades Ensino a Distância (ou à Distância) e Ensino Remoto (ou Remoto de Emergência), nas atividades síncronas e assíncronas, nos instrumentos e nas reais condições equitativas de avaliação. E depois vieram os exames, apenas para as disciplinas escolhidas como provas de ingresso, e estas ajustadas em termos de itens opcionais e de cotações, acomodatamentos nem sempre muito felizes. Uma corrida cansativa e prolongada por julho adentro, rasando agosto ou consumindo-lhe parte, e setembro à porta, com uma segunda fase de exames e um novo arranque de espinhosa preparação, com diagnósticos, recuperações e consolidações, roteiros e orientações, tutorias e mentorias, perfil dos alunos e aprendizagens essenciais, regimes presenciais, mistos e não presenciais, restrições e incógnitas, cenários possíveis e angustiantes. Uma parafernália de quefazeres.

Mal digerido o passado recente, pouco tempo

Experimentaram-se e aperfeiçoaram-se metodologias e estratégias, desvendaram-se plataformas e ferramentas, promoveram-se capacidades e competências.

sobrou para se reorganizar devidamente outro assalto, tão ou mais duro como o primeiro – por não poder reinventar-se a escola de um dia para o outro, por não ter havido oportunidade para uma destreza e convincente aptidão tecnológica, sequer reflexão bastante sobre a desejada retoma do processo ensino-aprendizagem, por se afigurar ainda distante a cura para o mal da praga, por serem poucos todos os cuidados e recomendável a serenagem da população diretamente envolvida. E apesar de o enfoque estar nos alunos, como muito bem se entende, fica-se com a sensação estranha de que a restante comunidade escolar é deslembada nas diretrizes que brotam, como se auxiliares e docentes não devessem ser igualmente merecedores de redobrada atenção, sobretudo quando lidam em particular com jovens adolescentes que, afirmando uma saudável autonomia, descumram comportamentos sociais que as circunstâncias exigiram. Desafogos.

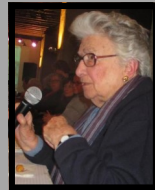
Absorto e afeito a «cores de meia-cor», o outono tenderá a encurtar os dias, e os dias cada vez mais cinzentos serão frios de inverno, e o inverno dilará a primavera que houver. E se o ano letivo transato foi o que se viu, este que agora se inicia será o que for, com ou sem vacina. ☺

human SETEMBRO | OUTUBRO 20

Élia Pereira de Almeida
(† Outubro 2020)

Dois ex-professores de Português que nos deixaram.

Carlos Diogo
(† Agosto 2020)



Confluências

EM TEMPOS DE PANDEMIA

Dois minutos de silêncio, p.f.

Se dissermos que com uma casa se pode voar ou que há aviões nos corações dos pássaros, estamos a delinear ideias.

Se continuarmos e dissermos que um Homem-Gafanhoto faz chover, chover no Vale da Lua, que uma Sereia-Pássaro sobrevoa Reykjavík, enfiada nas auroras boreais e que uma Ave-Dragão nasce dentro de uma pedra, dentro de um lápis ou de uma máquina, referimo-nos ao aparecimento de ideias e à possibilidade de as representar.

As ideias contêm o desenho, poderemos dizer que estamos a desenhar para eternidade quando não as registamos.

Embora nem sempre as palavras queiram dizer o que dizem, mas, com elas, poderemos tocar o dorso de um dragão, os cabelos de uma sereia e molhar os dedos nas luzes do Norte, nas suas cores boreais.

O desenho pensado, falado ou escrito dá nome às coisas e é tão importante quanto o desenho desenhado, embora seja sempre sentido em voz mais baixa.

Naquela noite eu caminhava a pensar nisto e lembrei-me das academias clássicas e das teorias que as marcaram, na "Idea" de Vasari e no "disegno interno" de Zuccari, que foram trazidas de Itália para Espanha e depois divulgadas por Carducho e por Pacheco.

Pensei que a Ideia ou Desenho Interno é o único

impossível de apagar, por ser o invisível do tornado visível.

Dizia Federico Zuccari que o Desenho - é ideia, ordem, regra, finalidade e objeto do intelecto, onde se expressam as coisas compreendidas e que não é matéria nem acidente de substância.

Às vezes as vozes do silêncio agarram-nos caminhando, levam-nos pela mão e protegem-nos do visível e do oculto temor.

Às vezes as palavras, ainda que numa definição mais difusa, não são menos precisas.

Às vezes dizem coisas estranhas e chegam a ser quase poesia.

Às vezes são tão poesia que até quem desenha as silencia quando as ouve.

Às vezes, se são mesmo poesia, como diria António José Forte, mal sentem que as há no ar, todos fogem.

Mas, quase sempre, quando os poetas já cá não estão, todos as soletram.

Hoje, não há palavras nem Desenho Interno, há apenas uns minutos de silêncio para um esboço, um Desenho Externo numa folha, uma folha em branco. Porque ontem, em Portugal, morreram dois Homens que delineararam as ideias no espaço da sua precisão.

Jorge Castanho

Texto e foto do A.

[<https://www.facebook.com/jorge.m.castanho>, 10/11/2020]



O desenhador **Eduardo Salavisa**, 70 anos, morreu este sábado [7/11/2020], anunciou o Museu Bordalo Pinheiro, que tem patente uma exposição do artista,

um dos fundadores dos Urban Sketchers. (...)

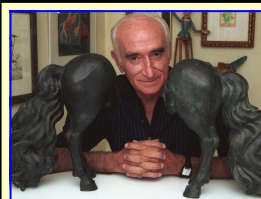
"A notícia da morte de Eduardo Salavisa era esperada, mas não é por isso que nos causa menos tristeza,

porque nunca

estamos preparados para perder amigos", refere o Museu, onde está patente a sua mais recente exposição, "Um Cadeirão e 96 Retratos".



[<https://www.dn.pt/cultura>, 8 nov 2020]



Artur do **Cruzeiro Seixas**, um dos protagonistas mais importantes do movimento surrealista em Portugal, morreu no domingo [8/11/2020] no Hospital da Santa Maria, em Lisboa, a menos de um

mês de completar 100 anos. A sua morte foi anunciada pela Fundação Cupertino de Miranda, que guarda o espólio visual e literário do artista em Falmalicão.



[<https://www.publico.pt/2020/11/09/culturaipsilon>]

Confluências



Aposentações



Madalena Contente
(Português)

Felicidades & Longa Vida!



António Manuel
(História)

Página institucional da
Escola Secundária de Camões

<https://liceucamoes.wixsite.com/camoes>

A todos quantos colaboraram com a cedência de textos, fotos e cartazes para este Boletim, uma palavra de agradecimento.

Com o generoso apoio do
Grupo Desportivo e Cultural do Banco de Portugal